Aula 3

DIFERENÇAS ENTRE A FALA E A ESCRITA

META

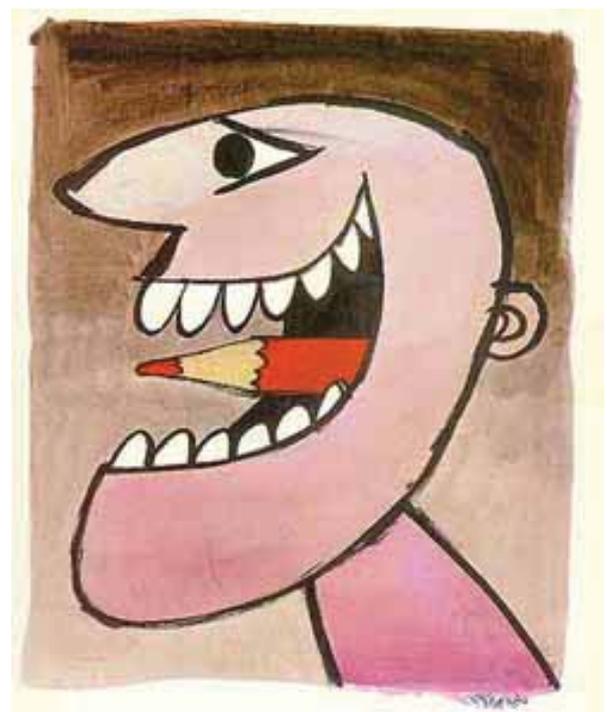
Apresentar as diferenças entre a fala e a escrita; expor as idiossincrasias da escrita, observando as diversas formas de escrita em circulação.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
discutir a autenticidade das diferenças entre a fala e a escrita, a partir do advento dos chats; refletir sobre a dificuldade que os(as) estudantes podem apresentar durante o processo de alfabetização, dada a diversidade de formas de escrita em circulação.

PRERREQUISITOS

Para que você entenda esta aula adequadamente, é importante que tenha estudado as duas anteriores. Além disso, é imprescindível que saiba o que são gêneros textuais.

No Brasil, o uso da linguagem oral é bem mais frequente na linguagem escrita do que esta na linguagem oral, o que acaba por marcá-la. Em países desenvolvidos socioeconomicamente, a modalidade escrita se destaca, influenciando, inclusive, a produção oral.
(Fontes: http://baudecronicas.files.wordpress.com).

INTRODUÇÃO

Durante esta aula, continuamos trabalhando a diferença entre falar e escrever, duas modalidades da linguagem verbal. Como vimos nas aulas anteriores, tais modalidades exigem estímulos distintos para a sua aquisição, consequentemente, há diferenças entre ambas. Tais diferenças, por sua vez, são causadas pela condição e pelo contexto. Isso é o que nos ensina Kato (2003), a qual postula a existência dessas diferenças relacionadas à variável social e psicológica, ao grau de letramento, ao estágio de desenvolvimento linguístico. Afora esses aspectos, ainda à luz de Kato (2003), elencamos algumas diferenças entre essas duas modalidades, as quais, por sua vez, são questionáveis, na medida em que surge a "conversa escrita" tendo como suporte o computador. E, nesse caminho, apresentamos algumas idiossincrasias do ato de escrever a partir dos postulados teóricos de Cagliari (2001), provocando em você uma atitude de reflexão sobre as dificuldades às quais são submetidos(as) os(as) nossos(as) estudantes nessa fase de aprendizagem.

Charge mostrando a diferença entre a fala formal e a que adquirimos nos meios de comunicação como os chats.
(Fontes: http://noisnatira.com).

DIFERENÇAS ENTRE A FALA E A ESCRITA

Por a fala e a escrita serem modalidades diversas e possuírem estímulos distintos, auditivo e visual respectivamente, são atribuídas a elas diferenças que, numa análise mais profunda, constatamos que são causadas pela condição e pelo contexto da produção da linguagem, pois as duas modalidades desfrutam da mesma gramática que rege suas estruturas menos ou mais complexas. Isso significa que, apesar de serem usadas em contextos diferentes, a fala e a escrita possuem uma mesma estrutura gramatical. Nesse contexto, Kato (2003) faz referência a variantes responsáveis pelo equívoco ou falta de esclarecimento mediante tal situação, dentre as quais: a variável social e psicológica, grau de letramento, estágio de desenvolvimento linguístico.

A variável social e psicológica diz respeito à utilização de códigos e à forma dessa utilização na comunicação pelos grupos sociais. À primeira vista, conclui-se que as classes socioeconomicamente privilegiadas dispõem do código elaborado (uso maior de orações subordinadas, número de locuções, agente da passiva, adjetivos, advérbios, pronomes pessoais); as classes socioeconomicamente desprestigiadas, em contrapartida, dispõem de um uso menos frequente de tais variáveis estruturais na formação das sentenças e, portanto, de um código não elaborado.

No entanto, a própria autora reflete sobre tal teoria, revelando o seu grau de discriminação, haja vista essa perspectiva submeter a capacidade cognitiva do indivíduo à classe social à qual pertence (KATO, 2003). Até mesmo porque pertencer às classes desprestigiadas socioeconomicamente não significa dizer que não há possibilidades de os seus membros terem acesso ao letramento e, consequentemente, ao código elaborado.

Outro aspecto que interfere na produção da linguagem é o grau de letramento. Aqui, as experiências pré e pós-letramento são muito importantes, já que a escrita influencia sobremaneira a fala. Seguindo esse raciocínio, a norma padrão nada mais é do que a simulação da escrita convencionalizada.

Para Kato, a F1 (fala1) corresponde à E1 (escrita1); enquanto a E2 (escrita2) corresponde uma F2 (fala2).

A fala1, por sua vez, corresponde à fase de pré-letramento; a escrita1, então, pretende representar a fala da forma mais natural possível; a escrita2 se torna quase independente da fala, através de convenções rígidas; finalmente, a fala2 é aquela que resulta do letramento. Considerando-se essa hipótese, torna-se fácil entender-se por que os(as) letrados(as) concebem a fala segundo o que sabem da escrita.

Essa é uma perspectiva principalmente de Kato (2003). Entretanto, alguns autores mais ligados à Linguística do Discurso, percebem que se

vai da fala para a escrita num processo histórico. É o caso da pesquisa de Terzi (2002) que explica o fato de meninos de uma favela do Rio terem aprendido a falar de acordo com a norma padrão. Depois, mais facilmente, adquiriram a escrita padrão.

Para Terzi (2002), a F1 (fala1) corresponde a uma E1 (Escrita1); enquanto a F2 (Fala2) corresponde a uma E2 (Escrita2). Você notou a diferença entre as teorias? Se naquela se vai de uma escrita padrão para uma fala padrão; nesta, vai-se de uma fala padrão para uma escrita padrão, obedecendo ao curso natural da aquisição da linguagem.

Em relação àquela teoria, Kato (2003) aponta para a questão dos discursos não planejado e planejado. Isso porque o estágio de desenvolvimento linguístico refere-se ao discurso relativamente não planejado e ao discurso planejado.

O discurso não planejado não condena uso de repetição lexical e uso de estruturas morfossintáticas adquiridas cedo.

O discurso planejado requer menor uso de repetição lexical, maior uso de variação de forma e conteúdo e menos uso de estruturas adquiridas cedo (fase infantil).

O discurso relativamente não planejado pode aparecer na escrita que não seja dissertativa. Mesmo o adulto, em determinadas situações, pode utilizar estruturas menos elaboradas em detrimento da linguagem escrita formal. É o que ocorre em conversas não planejadas, com os amigos, com os familiares, enfim em conversas cotidianas.

Sabemos ainda que, diferentemente da linguagem escrita, a linguagem oral não depende do contexto e sua fluência recebe apoio de gesticulações, contato pessoal e direto. Aquilo que o interlocutor não entender, o locutor tem oportunidade de esclarecer de imediato. Já a linguagem escrita, que é uma produção solitária, possui dependência contextual, no sentido de o locutor contextualizar o seu texto para o seu virtual interlocutor; as estruturas lexicais são mais complexas; a presença de conectivos é, muitas vezes, imprescindível para a progressão textual e, consequentemente, para maior compreensão do texto.

Entretanto, como mencionado anteriormente, o que determina as diferenças entre a fala e a escrita, ao contrário do que pensamos, é a condição e o modo de produção da linguagem, e não as modalidades em si, haja vista o fato de um texto oral ser composto por estruturas sintáticas e lexicais complexas, existentes também no texto formal escrito.

No Brasil, o uso da linguagem oral é bem mais frequente na linguagem escrita do que esta na linguagem oral. Até mesmo os letrados dão preferência à oralidade, a qual, por sua intensa presença, acaba por marcar a escrita. Dessa forma, na sociedade brasileira, a modalidade prioritária ainda

Dêitico

Empregado tanto como adjetivo [‘valor dêitico’, ‘elemento dêitico’) quanto como nome [‘um dêitico’], Esse termo designa um dos grandes tipos de referência de uma expressão, aquela em que o referente é identificado por meio da própria enunciação dessa expressão. Opõe-se, classicamente, à referência do tipo anafórico”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004).

é a oral, se comparada com a produção escrita; enquanto que, em países considerados desenvolvidos socioeconomicamente, a modalidade escrita se destaca, influenciando, inclusive, a produção oral.

Fala	Escrita
1. não depende de um contexto produzido por um locutor; 2. os interlocutores não são definidos; 3. pode-se lançar mão da linguagem não-verbal, como gestos, sinais; 4. geralmente, há mais de uma pessoa falando; 5. utilização de **dêiticos**, sem haver uma contextualização (Hoje eu vou ao cinema. O hoje depende do momento a que se refere o falante/o eu depende de quem fala em um dado momento); 6. não pode haver apagamentos; 7. diz respeito a um momento na linha do tempo.	1. depende de um contexto fornecido pelo locutor; 2. os interlocutores são definidos; 3. mesmo a linguagem não verbal passa por um processo de programação anterior; 4. produção solitária (o locutor elabora o texto pensando no seu virtual interlocutor); 5. o dêitico não pode ser usado sem contexto (Imagine uma placa na sua sala de aula: hoje não haverá aula de Linguística. Pergunta-se: hoje, quando?); 6. Pode haver apagamentos. O locutor pode trabalhar o seu texto da maneira que lhe convier; 7. prolonga-se em relação ao tempo.

É imprescindível ainda observar que, com os atuais estudos acerca dos gêneros textuais, principalmente no que diz respeito aos chats, essas diferenças vêm sendo questionadas, pois como diferenciar fala de escrita nesse gênero textual, uma vez que os chats representam uma conversa no computador? Você já parou para pensar nisso? Com certeza, sim, pois esse assunto tem sido vastamente abordado, tanto por linguistas como por profissionais que insistem em preservar a antiga dicotomia grega do "certo versus o errado". Entretanto, é importante levar em conta que nossos(as) alunos(as) também estão expostos(as) a essas conversas e, consequentemente, escrevem falando. É impossível fugir a essa realidade. Pondere sobre a seguinte argumentação de Cagliari (2002, 114):

> Diante das mais recentes conquistas tecnológicas e dos novos hábitos da vida moderna, talvez alfabetizar na forma tradicional seja um anacronismo. [...] ser alfabetizado nas belas letras representa uma ameaça bem menor a quem detém as formas de poder da sociedade do que aprender a operar os computadores, que são hoje as verdadeiras bibliotecas, o lugar da memória coletiva da nossa sociedade.

O que dizer, então, das críticas dos(as) profissionais que perseguem as novas tecnologias, principalmente porque estas, muitas vezes, contrariam definições já cristalizadas? Reflita um pouco sobre isso.

É importante ainda enfatizar as diferenças relacionadas à aquisição dessas duas modalidades. Anteriormente, já mencionamos, à luz de alguns teóricos, que as crianças aprendem a falar naturalmente, em interação com o outro e, em pouquíssimo tempo, adquirem o domínio verbal de sua língua. Durante o período aquisicional, por sua vez, elas têm chances de refletir sobre os usos que fazem da língua. Além disso, por estarem em constante interação com os(as) falantes adultos(as), estes(as) podem interferir nesse processo, o que as leva a uma reflexão sobre a gramática da própria língua. Dessa forma, elas acabam construindo naturalmente o seu sistema linguístico de maneira adequada. Já em relação à escrita, o que se percebe é a existência da imposição de um modelo, sem possibilidade de experimentação, de tentativas e descobertas de cada criança. A ela, constantemente, são impostas várias cópias de vários traçados. Com efeito, ela é submetida a um treinamento manual, sem planejamento educativo, sem reflexão sobre os processos de escrita.

Quanto ao ato de escrever, Cagliari (2001) nos traz algumas contribuições importantes, dentre as quais o fato de haver variadas formas de escritas tão diferentes entre si, que exigem do(a) alfabetizando(a) um conhecimento amplo acerca dessa modalidade. É o caso, por exemplo, das diferenças entre a escrita de fôrma e a cursiva. Esta última, por seu turno, segundo o autor, surgiu na Idade Média e passou a ser a eleita pela escola, inclusive pela contemporânea. Eis algumas "variantes" do alfabeto:

Ex.: 'A', 'a', 'A', '**A**', 'a', 'A', '*a*' (*cada uma pertencendo a um tipo de alfabeto diferente*).

Ainda segundo Cagliari (2001), o 'A' é tão diferente de 'A' quanto 'p' é diferente de 'm'. Ele acrescenta, então, que, em relação à forma, 'p', 'b', 'd' e 'g' são muito mais semelhantes entre si do que 'b' e 'B', 'g' e 'G' etc. (CAGLIARI, 2001). Nesse sentido, o linguista faz a seguinte advertência: "O grande problema é que a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever, joga a criança sem lhe dizer as regras do jogo" (CAGLIARI, 2001, p. 97).

Nesse caminho, ele contrasta o uso das duas escritas: a cursiva, cujo uso é individual e, consequentemente, apresenta uma grande variação; e a de fôrma, a qual aparece nos livros, nas revistas, nos outdoors, de maneira geral, exceto na cartilha, o manual de escrita do(a) alfabetizando(a). Nesse caso, evidencia-se uma proibição da escola, utilizando-se, por sua vez, de falsos argumentos, quais sejam: a criança tem o dobro do trabalho para aprender os dois tipos de escrita; ela pode confundir esses dois modos de escrever. Para Cagliari (2001, p. 98),

A escrita cursiva só é menos difícil para quem está acostumado com o escrever e com o modo de traçar as letras de quem escreveu, caso contrário, sabemos muito bem, é difícil ler o que os outros escrevem e, às vezes, até mesmo o que nós próprios escrevemos.

CONCLUSÃO

A partir de tais observações, Cagliari (2001) adverte que não cuidar da arte de escrever é um equívoco, um erro da escola, que se diz moderna. Os(as) professores(as), por sua vez, estão mais preocupados(as) com o uso da escrita cursiva, entretanto se esquecem de verificar o que a escrita representa para a criança. Nesse contexto, ele afirma que é preciso o(a) professor(a) ouvir das crianças o que é escrever, para que serve a escrita, valorizando a opinião de cada uma. Exemplifica tal argumento, lembrando que uma criança pode representar seu nome por um conjunto de rabiscos, enquanto outra pode fazê-lo a partir de uma sequência de letras. E, diante dessa multiplicidade de representações, ele previne ainda que os(as) alfabetizadores(as) podem considerar seus(suas) alunos(as) problemáticos(as), mas assegura que eles/as (os/as profissionais) fariam o mesmo se alguém lhes pedisse para escrever alguma coisa em árabe. Então, é preciso dizer aos(às) alunos(as), logo no início, o que é a escrita, as maneiras possíveis de escrever, é preciso não camuflar a complexidade da língua.

RESUMO

nesta aula, fizemos um percurso a partir do qual estabelecemos as diferenças entre a fala e a escrita, tentando levar você a refletir sobre tais diferenças, na medida em que trouxemos a tão discutida questão sobre os chats. Nesse sentido e diante dos estudos acerca dos gêneros textuais, não podemos abandonar tal problemática, colocando-a "debaixo do tapete". É importante que você perceba que a esse assunto estão subjacentes as formas de poder instituídas. Com efeito, muito além de se tentar preservar a escrita, tenta-se preservar o poder de quem a domina. Além disso, colocamos também a relação problemática das múltiplas escritas bem como o significado que adquirem quando está em jogo o processo de alfabetização. Enfim, é importante que, a partir dessas polêmicas apresentadas, você vá construindo o seu próprio pensamento sobre o que é alfabetizar crianças e adultos.

ATIVIDADES

1. O que dizer da estrutura gramatical da fala e da escrita? Qual a consequência desse fato?
2. Defina código elaborado e código não elaborado.

3. Que crítica se pode fazer a essa teoria?
4. Compare/contraste as duas perspectivas, a de Kato (2003) e a de Terzi (2002), acerca da influência da fala na escrita e vice-versa.
5. Quais as diferenças entre o discurso planejado e o não planejado? Em que circunstâncias cada um deles é utilizado?
6. Estabeleça as diferenças entre a fala e a escrita.
7. Compare a aquisição da fala com a da escrita.
8. O que dizer das variadas formas de escrita?
9. Discuta sobre a exigência que a escola faz em relação à escrita cursiva.

AUTOAVALIAÇÃO

1. A partir do estabelecimento de diferenças entre a fala e a escrita, reflita sobre o que ocorre nos chats. Como você se posiciona frente a esse problema?
2. Diante do que foi exposto nesta aula, como você se percebe enquanto um(a) profissional que participa da construção da escrita de seus(suas) alunos(as)? O que dizer das exigências que a escola faz de uma escrita cursiva?

PRÓXIMA AULA

Trataremos dos sistemas da escrita, ainda numa perspectiva histórica. E, assim como trabalhamos nesta aula sobre as diferenças entre a fala e a escrita, na próxima discutiremos sobre as diferenças entre a leitura e a escrita.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2001.
CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Contexto, 2004.
HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2009.
KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2003.
TERZI, S. B. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados**. In: KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento**. São Paulo, Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 91 – 117.
TERZI, S. B. **A construção da leitura**. Campinas: Pontes, 1997.